

ELEGIA

A bondade choremos inocente
Cortada em flor que, pela mão da morte,
Nos foi arrebatada dentre a gente.

CAMÕES

Se, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fosse dado – o esquife que te encerra
Erguer a um galho de árvore frondosa,
Certo, não tinhas um melhor jazigo
5 Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva
De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,
10 Piedosa a noite, ali derramaria
De seus negros cabelos puro orvalho;
À beira do teu último jazigo
Os alados cantores da floresta
Iriam sempre modular seus cantos;
15 Nem letra, nem lavor de emblema humano,
Relembraria a mocidade morta;
Bastava só que ao coração materno,
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,
20 Disse: – Dorme aqui, perto dos anjos,
A cinza de quem foi gentil transunto
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência
Os dourados umbrais; a vida agora
25 Sorria-lhe toucada dessas flores
Que o amor, que o talento e a mocidade
À uma repartiam.

Tudo lhe era preságio alegre e doce;
Uma nuvem sequer não sombreava,
30 Em sua frente, o íris da esperança;
Era, enfim, entre os seus a cópia viva
Dessa ventura que os mortais almejam,
E que raro a fortuna, avessa ao homem,
Deixa gozar na terra.

35 Mas eis que o anjo pálido da morte
A pressentiu feliz e bela e pura,
E, abandonando a região do olvido,
Desceu à terra, e sob a asa negra
A frente lhe escondeu; o frágil corpo
40 Não pôde resistir; a noite eterna
Veio fechar seus olhos;
Enquanto a alma abrindo
As asas rutilantes pelo espaço,
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,
45 No seio do infinito;
Tal a assustada pomba, que na árvore
O ninho fabricou, – se a mão do homem
Ou a impulsão do vento um dia abate
O recatado asilo, – abrindo o voo,
50 Deixa os inúteis restos
E, atravessando airosa os leves ares,
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,
E que lembrança! Os olhos fatigados
55 Parecem ver passar a sombra dela;
O atento ouvido inda lhe escuta os passos;
E as teclas do piano, em que seus dedos
Tanta harmonia despertavam antes,
Como que soltam essas doces notas
60 Que outrora ao seu contacto respondiam.

Ah! pesava-lhe este ar da terra impura,
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,
Onde, noiva dos anjos, a esperavam
As palmas da virtude.

65 Mas, quando assim a flor da mocidade
Toda se esfolha sobre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança
Das venturas da terra? Tudo morre;
À sentença fatal nada se esquiva, →

70 O que é fruto e o que é flor. O homem cego
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,
O castelo se abate,
75 Onde, doce ilusão, fechado havias
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.

Dorme, dorme tranquila
Em teu último asilo; e se eu não pude
80 Ir espargir também algumas flores
Sobre a lájea da tua sepultura;
Se não pude, – eu que há pouco te saudava
Em teu erguer, estrela, – os tristes olhos
Banhar nos melancólicos fulgores,
85 Na triste luz do teu recente ocaso,
Deixo-te ao menos nestes pobres versos
Um penhor de saudade, e lá na esfera
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo,
Possas tu ler nas pálidas estrofes
90 A tristeza do amigo.

MACHADO DE ASSIS

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901. p. 22-25]

Editor: José Américo Miranda